

A matriz do comportamento do político populista: uma perspectiva da ascensão do bolsonarismo no Brasil¹

The matrix of the behaviour of the populist politician: a perspective of the rise of Bolsonaroism in Brazil

Ana Paula Bronze²

Universidade do Porto

apaulabronze@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-7641-7994>

Vasco Ribeiro³

Universidade do Porto

vribeiro@letras.up.pt

<https://orcid.org/0000-0001-8182-9395>

https://doi.org/10.14195/2183-6019_12_5

Resumo:

Depois de um levantamento bibliográfico sobre as diferentes definições e tipologias do populismo político procurou-se criar uma matriz de comportamento do populista, com especial enfoque para as três áreas clássicas da ideologia política: esquerda, centro e direita. Criada esta matriz, comparamos e aplicamos ao comportamento de Jair Bolsonaro, a partir de uma análise ao discurso que este realizou na Assembleia Geral da ONU, no dia 24 de Setembro de 2019, e conseguimos criar uma matriz de comportamento populista do Presidente do Brasil. Julgamos que este estudo, para além de confirmar a tipologia de populismo de Bolsonaro, pode ajudar o cidadão a prever as 21 características narrativas a que este político recorre para tentar moldar a opinião pública brasileira.

Palavras-chave: Comunicação política, propaganda, populismo, bolsonarismo.

Abstract:

Following a bibliographic survey of the different definitions and typologies of political populism (Wieviorka, 1993; Eco, 2006; Engesser et al., 2018; Judis, 2017; inter alia), we sought to create a matrix of the populist's behaviour, focusing especially on the three classic areas of political ideology: left, centre and right. We then compared and applied this matrix to Jair Bolsonaro's behaviour, based on the analysis of the speech he gave at the UN General Assembly on 24 September 2019, to create a matrix of the populist behaviour of the President of Brazil. We believe that this study, in addition to demonstrating the type of Bolsonaro's populism, can help citizens predict the 21 narrative characteristics that this politician uses to try to shape the public opinion of Brazil.

Keywords: Political communication; propaganda; populism; bolsonarism.

¹ O presente trabalho também foi submetido para análise e aprovado no Congresso Latino-americano de Ciências da Comunicação (2020), Medellín, Colômbia.

² Ana Paula Bronze é mestranda em Ciências da Comunicação com ênfase em Comunicação Política na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Bacharel em Comunicação Social pelo Centro Universitário do Pará, Brasil.

³ Vasco Ribeiro é Professor e investigador na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP) e na Porto Business School. Diretor da Licenciatura e do Mestrado em Ciências da Comunicação da FLUP. Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Minho, Mestre em Comunicação Política pela FLUP e Licenciado pela Escola Superior de Jornalismo do Porto, Portugal.

Introdução

As características do populismo são diversas, tanto pela compreensão dos autores e acadêmicos que as estudam, tanto pela aplicação real a uma determinada personagem política, sempre levando em consideração as diferenças estruturais do cenário político local e mundial, meios de comunicação disponíveis e necessidades da sociedade de uma época específica. Mesmo havendo essa adequação do discurso populista ao meio, é possível determinar algumas características dentro da sua estrutura camaleônica, independentemente dos aspectos adotados pelo político populista em sua particularidade de personalidade e cenário, para caráter de uma compreensão completa sobre o assunto, compreendendo a análise desses aspectos diante do entendimento de autores de comunicação política.

Nessa perspectiva, para Wieviorka (1993), Eco (2006) e Engesser, Ernst, Esser e Büchel (2016), uma das principais bases de um discurso populista está na criação de uma sociedade imaginária, projetada de acordo com os preconceitos do próprio líder. Para Wieviorka (1993), como essa

sociedade tem como plano de fundo a eliminação da heterogeneidade de uma sociedade, o discurso político é direcionado para uma sociedade homogênea, filtrada por indivíduos que possuem o mesmo posicionamento político, social e identidade étnica.

Exibindo o que é chamado por Galito (2017) de um confronto do “eu” contra os “outros”, onde a figura do outro é vista como uma ameaça à soberania do povo criado pelo líder, englobando nesse conceito as minorias sociais, étnicas, grupos religiosos (que não sejam o grupo majoritário), as elites políticas de oposição, etc. Para esse último, vale ressaltar que a História tem-nos demonstrado que os discursos populistas são geralmente baseados em vazias intenções de combate à corrupção e ao despesismo; evocação circense dos direitos do povo; pseudo-sacrifício travestido de resistência e vitimização; e afronta artificial ao sistema implantado. Dentro dessa visão, a imagem do político populista passa a ser vista como um ato de coragem e heroísmo. Essa relação torna-se mais visível em cenários de sociedades assimétricas, onde os níveis de desigualdade e falta de oportunidade são

mais elevados, sendo propagado com maior facilidade quando há uma quebra na confiança do povo nos partidos e nas lideranças tradicionais, ou seja: o ambiente de crise torna-se propício para o afloramento do discurso populista de forma massificada. Como é também reforçado por Judis (2017), que diz que uma das características mais importantes das campanhas populistas é que “funcionam com frequência como sinais de crise política” (p.17), ou pois as pessoas julgam que as lideranças tradicionais não estão correspondendo às suas expectativas ou preservando as normas políticas, mostrando-se assim, dentro de um conflito; os populistas vêm nesse momento dar voz a esse sentimento de vulnerabilidade, fazendo esse contraste do povo com as elites que estão no poder. A imagem da oposição passa a ser propagada como imoral e nociva à sociedade, incluindo nesse montante todas as pessoas que por algum motivo estejam do lado da oposição ou que simplesmente não concordem com o que está sendo dito.

A linguagem utilizada no discurso precisa ser proferida de uma forma acessível, objetiva e compreensível

a todo cidadão, pois esse será um discurso realizado diretamente para o povo. Segundo Galito (2017), o discurso do populista pode ter vários tons, que variam desde uma capacidade de se expressar através de atributos carismáticos, amplamente mobilizadora, conseguindo gerar um culto à sua imagem e personalidade; pode se expressar também de forma autoritária, arrogante, prepotente e teimosa; ou possuidor de uma oratória impecável e extremamente simpático. Baseado nessas características apontadas pela autora, conseguimos perceber que essas características muitas vezes se confundem umas com as outras, não seguindo necessariamente essa divisão, pois o personagem populista possui uma capacidade de incoerência tanto no discurso, quanto na sua forma de se portar perante o público, que de alguma forma ele conseguirá explorar um pouco de cada uma dessas características. Através dessa capacidade persuasiva, pregará uma abolição das distâncias entre o povo e a classe política, fortalecendo o discurso de soberania popular, que segundo Wiewiorka (1993), orientar-se-á para o futuro focando na vontade de participação

política do povo. Essa estratégia visa evocar o que Taggart (2000) chama de “*heartland*”, ou seja, o sentimento de pertencimento a uma terra dentro de uma perspectiva nacionalista, que segundo a imaginação do líder populista é o lugar onde as pessoas virtuosas e puras dentro da sociedade residem.

Populist rhetoric uses the language of the people not because this expresses deeply rooted democratic convictions about the sovereignty of the masses, but because ‘the people’ are the occupants of the heartland and this is what, in essence, populists are trying to evoke. (Taggart, 2000, p. 95)¹

Eco (2006) acrescenta que junto com o *heartland* apontado por Taggart, vem também a ideia do vitimismo, que é a necessidade de através da expressão do *heartland*

conseguir fazer com que o povo se sinta de alguma forma perseguido por um inimigo em comum, alguém que deseja o mal daquele povo. Um dos exemplos colocados pelo autor é a ação de Mussolini, na Itália, quando esse fez com que fossem aplicadas sanções ao Estado italiano devido aos seus ataques à Etiópia, sendo condenado pela Liga das Nações, então, visto nessa situação, apelou para um sentimento de conspiração internacional de todos contra a Itália. Nesse momento proclamando a superioridade italiana acima das outras nacionalidades, mas evocando esse sentimento a partir de lamentações devido os outros países estarem marginalizando a Itália (Eco, 2016). Segundo Judis (2017), os partidos populistas de cunho fascista e os nazistas, tinham como inimigo em comum os partidos socialistas e comunistas, e viam nesses a principal ameaça trazida pelo regime democrático. Os partidos socialistas e comunistas proporcionaram um espaço de expressão ideológica para esses movimentos, sendo assim do ponto de vista fascista e nazista a única forma de acabar com essa expansão comunista, dar-se-ia

1 “A retórica populista usa a linguagem para o povo não porque essa irá expressar profundamente as suas convicções democráticas sobre a soberania das massas, mas porque ‘o povo’ são os que podem expressar esse sentimento de pertencimento e essa é a essência do que o discurso populista está tentando evocar”. (Tradução dos autores)

através da luta armada e eliminação física de qualquer pessoa ligada à essa ideologia. Posteriormente, o partido Nazi também apontou os judeus como rivais, o que não aconteceu no partido fascista na Itália.

Neste processo de manipulação de massas, através desse diálogo meramente nacionalista e extremista, pouco importa que os discursos sejam simbólicos e falaciosos, pois a partir do momento que o povo reconhecer as referências nas falas e se identificarem com os planos sinalizados, o discurso valerá muito mais do que a efetiva ação dos fatos. Segundo Galito (2017), passará a ser difícil que algo os convença do contrário, pois há uma necessidade de identificação tão forte que o povo acaba se convencendo da possibilidade de que tudo o que o político populista está prometendo é de fato uma verdade e é possível de ser realizado no plano real, mexendo assim com as emoções daquele povo.

Portanto, conseguimos identificar algumas características bases de um governo e de um líder populista, mas cabe a questão: o populismo se fundamenta em uma ideologia específica, de direita ou de esquerda, ou

ele é suficientemente independente dessas amarras ideológicas? Segundo análise realizada por Galito (2017), o populismo pode exibir um caráter dicotômico, onde os principais pontos de diferenciação dos discursos estão presentes na forma ideológica de posicionamento, tendo caráter progressista quando é de esquerda e conservador quando se apresenta pela direita; quanto à tônica esquerdista, baseando em uma reivindicação socioeconômica, quanto que a direitista visa à ideia de patriotismo fundamentado na identidade cultural e principalmente religiosa de um povo; as duas se apresentam dentro de uma ideia de antissistema, na qual a de esquerda deseja a criação de um sistema bom para todos e a de direita é saudosa pelo sistema que vigorou no passado; os maiores riscos sinalizados pela autora em cada um dos lados é, quando de esquerda a ameaça de uma ditadura do proletariado, e de direita é o alcance de um governo tirano (Galito, 2017).

Percebemos as características colocadas pela autora, mas ao mesmo tempo é notório que muitos desses discursos acabam se entrelaçando

dependendo das características de cada um, que podem sem nenhum tipo de pudor utilizar-se dos dois discursos simultaneamente, fazendo o que Wiewiorka (1993) chamou de tentativa de conciliação de elementos totalmente inconciliáveis. Para Postill (2018), existe uma enorme problemática nessa divisão ideológica dicotômica, pois acabamos nos esquecendo de considerar o populismo centrista como uma forma extremamente persuasiva de populismo. Segundo o autor, essa categoria é frequentemente acusada de ser uma das formas mais tendenciosas de manipulação, pois se apropriam da retórica populista e a misturam com inúmeros outros aspectos, como a linguagem mercantilista, avanços econômicos e empreendedorismo, por exemplo. Todas as formas de populismo criam como armadura para o seu discurso a imagem dos “outros”, já dentro do populismo centrista, existem o que Postill (2018) chama de “*two distinct Others*”. O exemplo citado pelo autor para fortalecer a ideia do centro populista foram às eleições que ocorreram na França em 2017, onde foi eleito o centrista Emmanuel

Macron, que se apresentava como um candidato fora da política que estava sendo feita na França, se colocando como uma terceira opção, aos governos esquerdistas e direitistas. Postill (2018) menciona o fato de Macron ter criado um excelente discurso populista antipopulismo. Nesse momento conseguimos verificar a ineficiência das propagandas e discursos antipopulista, que acabam por muitas vezes servir como maior estratégia para a ascensão de discursos e políticos tipicamente populistas. Para Judis (2017), o populismo não pode ser entendido como um fenômeno ideológico de esquerda, direita ou centro, e sim deve ser compreendido como uma forma de pensar a política. O autor defende que essa lógica da política é baseada em um conflito prioritariamente entre povo e *establishment*, que “gira em torno de uma série de exigências que os populistas fazem à elite. Não se trata de exigências comuns que os populistas acreditem que sejam passíveis de uma negociação imediata” (Judis, 2017, p.16).

A partir desse breve direcionamento de ideias dos autores a respeito da caracterização do fenômeno do

populismo, de que forma podemos conceitualizar o populismo que ocorre dentro da política brasileira? Tendo como base que por muitas vezes essa forma de pensar a política se mistura com vários períodos dentro da evolução política brasileira, tornando-se assim um lugar interessantemente propício para o surgimento de políticos populistas.

Populismo no cenário político brasileiro

O populismo no Brasil não pode ser entendido como apenas uma manipulação isolada de uma massa sem voz, precisa ser compreendido também como uma forma de manifestação do povo em expressar as suas insatisfações e desejos perante um governo que, de alguma forma, lhe deu algum tipo de autonomia para isso. Para Weffort (2003), não é possível compreender o fenômeno do populismo no Brasil, sem antes ter a ideia da expressão e dinâmica das classes sociais, dentro de uma perspectiva marxista,

*Para Weffort
não é possível
compreender
o fenômeno
do populismo
no Brasil, sem
antes ter a ideia
da expressão e
dinâmica das
classes sociais,
dentro de uma
perspectiva
marxista*

grandes centros, tendo como base a incorporação das massas populares dentro do processo eleitoral.

Sendo assim, a expressão das massas através das classes sociais dá-se, de acordo com esquema feito por Weffort (2013), da seguinte forma: as classes proletária e burguesa tendem ambas a manifestar-se como massa, sendo o proletariado a classe que tende a pensar de forma racional a sua organização tendo como base objetiva os seus interesses políticos e sociais; a burguesia, sendo a classe dominante, tende, supostamente, a dirigir a vida social. E como ponto de nossa análise tem a pequena burguesia, que não é especificamente uma classe, pelo fato de que apenas a sua similaridade de localidade não se faz suficiente para a construção de uma comunidade, consequentemente não é possível criar uma organização política. Sendo assim, a pequena burguesia não tem capacidade política de se representar, ela precisa de um líder, alguém carismático que a represente. Essa é uma massa que tende ao conservadorismo e melancolia devido a sua condição social, que é viabilizado através do consentimento de poder, que acaba

de certa forma alimentando a forma de persuasão populista, influenciada pelos seus interesses estritamente pessoais. Essas massas de pequenos burgueses, que podemos chamar aqui de “classes populares”, chegam ao meio urbano e industrial sem que tenham conhecimento sobre os processos sociais e culturais que estão ocorrendo nesses lugares, e consequentemente acabam formando comunidades nas periferias dessas grandes cidades. Em contrapartida a esse processo migratório, verifica-se a incapacidade do sistema de absorver essas pessoas para o processo político de uma forma que as represente de fato nos moldes da democracia representativa. Dando assim espaço para a expressão do populismo, conforme Ianni (1989), o populismo é tomado como forma de retrocesso ou distorção no processo da democracia representativa, com participação limitada ou extensa.

Em grande e média intensidade, outros presidentes brasileiros foram considerados populistas ao longo do tempo, levando a compreensão de que o período de 1930 a 1964 foi o período que houve a maior incidência desse fenômeno político, o que levou a

consequência de um golpe militar em 1º de Abril de 1964. Os presidentes brasileiros nesse período que tiveram características minimamente populistas foram: Getúlio Vargas, que compreende ao Governo Provisório (1930 – 1934), Governo Constitucional (1934 – 1937) e a implantação da ditadura *varguista* com o nome Estado Novo (1937 – 1945, conhecido como “*trabalhismo*”, que teve como uma de suas principais políticas a inclusão das massas nos processos sociais que estavam ocorrendo até aquele momento, viabilizando a concessão de direitos ao povo, como é o exemplo do salário mínimo, carteira de trabalho, regidas pela Lei Trabalhista, mais conhecida como CLT – Consolidação das Leis do Trabalho; seguido por Eurico Gaspar Dutra (1946 -1951), que governou o Brasil no pós Segunda Guerra, onde sua principal ação na Política Externa foi o alinhamento imediato do Brasil com os Estados Unidos durante o período da Guerra Fria, levando consequentemente à perseguição aos partidos comunistas e socialistas, os principais inimigos estadunidenses naquele momento, criando assim um inimigo em comum;

Tabela 1. Características Discursivas Gerais do Comportamento Populista

	ESQUERDA	DIREITA	CENTRO
Sociedade imaginada	X	X	X
Antissistema	X	X	X
Discurso nacionalista.		X	
Ideologia progressista	X		
Ideologia conservadora		X	
“Sem ideologia” ¹			X
Mais segurança e menos corrupção		X	
Apelação ao povo	X	X	X
Religiosidade		X	
Contra monopólios privados	X		
Contra monopólios públicos		X	
Inimigos: mídia, socialismo e minorias.		X	X
Inimigos: ricos, elites, burgueses, capitalismo.	X		X
Única opção de salvação	X	X	X
Vendedor de ideias controversas	X	X	X
Heartland	X	X	X
Relação pré-capitalista		X	X
Líder carismático e com capacidade mobilizadora.	X	X	X
Compreende a oposição como má e nociva		X	X
“Nós” contra os “outros”		X	X
Reinvidicação socioeconômica	X		

Fonte: Adaptação dos autores com base no quadro de Galito (2017).

1 Devido ao populismo centrista considerar-se fora do sistema e uma terceira opção.

posteriormente temos a eleição de Juscelino Kubitschek (1956 – 1961), com a pregação do nacionalismo desenvolvimentista, baseado na criação de estradas, incentivo massivo à industrialização, tendo como marco do seu mandato a criação da atual capital federal, Brasília. A campanha de Kubitschek foi marcada pelo discurso saudosista de retomada à economia do passado que tinha como promessa o desenvolvimento nacional, criando a partir disso o slogan “50 anos em 5”. Kubitschek possuiu uma capacidade imensa de diálogo entre os mais diversos meios políticos, conseguindo dialogar com a classe burguesa e ao mesmo tempo com as classes proletárias, e conseguindo apoio de ambas. Utilizando-se nesse momento do seu carisma e poder da oratória e convencimento; por fim, após a saída de Kubitschek do poder, assume Jânio Quadros (1961), que considerado um grande líder populista, através do

janismo, renuncia ao cargo em agosto do mesmo ano, assumindo o seu vice João Goulart, conhecido como Jango, (1961-1964), que teve como maiores rivais os militares que não aceitavam a sua posse, o que fez com que o Jango assumisse a presidência sob desconfiança, onde foram limitados o seu poder como presidente, o que levou ao golpe militar de 1964.

Através dessa leitura breve conseguimos pontuar que o populismo algumas vezes se confunde com a história política do Brasil. Nesta, vários líderes se utilizaram de estratégias de cunho populista para conseguir chegar até o poder do Estado, seja através do carisma, do discurso autoritário, de sua capacidade mobilizadora, conseguindo gerar nesse momento culto a sua imagem. E que em algum momento acabam gerando o efeito inverso daquilo que pregaram tão fortemente nas suas campanhas.

O Bolsonarismo em ação

Partindo da análise teórica realizada seguimos nesse momento à análise prática do conteúdo. Separamos, na Tabela 1, a diferenciação entre os populismos de direita, centro e esquerda, sinalizada pelos autores. Sinalizamos também características em comum a todos os tipos ideológicos de populismo, pois acreditamos que esse é um conceito contraditório o suficiente para abranger as mais diversas características simbólico-discursivas. Posteriormente, aplicaremos os conceitos da matriz criada no seguinte objeto de estudo: o discurso de abertura do presidente brasileiro Jair Bolsonaro na Assembleia Geral da ONU, realizada no dia 24 de Setembro de 2019; A principal finalidade desse trabalho é compreender o comportamento do presidente brasileiro dentro de uma perspectiva populista, levando em consideração a ascensão recente de

governos populista no mundo e a frequente repetição na história-política brasileira.

Análises do discurso de Bolsonaro na Assembleia Geral da ONU (2019)

No dia 24 de setembro de 2019, o presidente Jair Bolsonaro (sem partido) realizou um discurso de abertura na Assembleia Geral da ONU² que gerou diversos comentários e críticas ao teor e ao comportamento do presidente. Positivas quando vindas de seus seguidores e ruins quando vindas de seus opositores. Sendo assim, analisaremos o seu discurso na íntegra, ressaltando os pontos mais importantes para a estruturação do nosso trabalho.

Logo nos três primeiros minutos de sua apresentação, o presidente ressalta a existência de alguns inimigos em comum da sociedade brasileira:

*Meu país esteve muito próximo
ao socialismo, o que nos colocou*

*em uma situação de corrupção
generalizada, grave recessão
econômica, altas taxas de criminalidade e ataques ininterruptos
aos valores familiares e religiosos
que formam a nossa tradição. Em
2013 o acordo entre o governo
petista e a ditadura cubana,
trouxo ao Brasil 10 mil médicos
sem nenhuma comprovação profissional. Foram impedidos de
trazer cônjuge e filhos, tiveram
75% de seus salários confiscados
pelo regime e foram impedidos de
usufruir de direitos fundamentais,
como poder ir e vir. Um verdadeiro
trabalho escravo. Acreditem! (Jair
Bolsonaro, AG – ONU, 2019)*

Nesse início da fala do presidente, conseguimos identificar a sua aversão ao socialismo como ideologia, culpando-a pelos problemas sociais que ocorreram desde o início dos anos 2000, no Brasil, com a entrada do governo do Partido dos Trabalhadores na presidência do estado brasileiro. Dois inimigos em comum são criados, nesse momento: a ideologia socialista e o governo petista. Ressalta-se também o ataque a Cuba e ao projeto

Mais Médicos, também criado pelo governo petista, a partir do qual houve o intercâmbio de médicos cubanos no território nacional. Segundo a fala do presidente, são pessoas que não possuem competência para o cargo, mais à frente sinalizando que, se caso essas pessoas quiserem permanecer atuando profissionalmente no Brasil, deverão submeter-se a qualificação médica. Após essa fala, é ressaltado mais um inimigo em comum – o regime cubano, que segundo o presidente, tentou implantar ditaduras na América Latina, onde vários civis e militares brasileiros foram mortos. Entre os três e cinco minutos de sua fala, novamente são apontados os inimigos:

*A Venezuela, outrora um país
pujante e democrático, hoje experimenta a crueldade do socialismo. O socialismo está dando certo na Venezuela. Todos estão pobres e sem liberdade. O Brasil também sente os impactos da ditadura venezuelana, dos mais de quatro milhões que fugiram do país uma parte migrou para o Brasil. Fugindo da fome e da violência, temos feito a nossa*

² <https://www.youtube.com/watch?v=7OfU-Qd45ETw> (ESTADÃO)

parte para ajuda-los, através da Operação Acolhida, realizada pelo exercito brasileiro e elogiada mundialmente. Trabalhamos com outros países, entre eles os Estados Unidos, para que a democracia seja reestabelecida na Venezuela, mas também nos empenhamos duramente para que outros países da América do Sul não experimentem esse nefasto regime. (Jair Bolsonaro, AG – ONU, 2019)

Como vimos, essa criação do inimigo da nação está profundamente relacionada com o comportamento discursivo populista, e que está presente em todas suas aplicações ideológicas. No entanto, é necessário ressaltar que, através da análise de Judis (2017), essa perseguição a ideologias como socialismo e comunismo estiveram presentes em todo o processo de estruturação de discursos de cunho fascista e nazista, ambos identificados ideologicamente como versões populistas da extrema-direita, italiana e alemã. Ao aplicarmos esse conceito ao comportamento de constantes ataques do presidente Bolsonaro a essas ideologias, aos partidos da esquerda brasileira,

principalmente ao PT, conseguimos realizar o enquadramento dentro da perspectiva persuasiva populista de direita, ao criar um inimigo geral da sua nação imaginária que está de alguma forma vinculado com toda e qualquer pessoa que seja contrária a sua posição.

Constantemente, durante o discurso do presidente, vê-se as suas tentativas de desmoralização da mídia, quando referindo a questão das queimadas na Amazônia, sinalizando a tentativa da mídia nacional e internacional em criar mentiras sobre a real situação da Amazônia brasileira, que de certa forma o estão perseguindo e julgando, sem saber o que realmente está acontecendo, e que essas atitudes desmedidas da mídia acenderam um sentimento patriótico na sociedade brasileira imageticamente criada:

Problemas, quaisquer países os têm. Contudo, os ataques sensacionalistas que sofremos por grande parte da mídia internacional, devido aos focos de incêndio na Amazônia, despertaram o nosso sentimento patriótico. É uma falácia dizer que a Amazônia é

patrimônio da humanidade, e um equivoco, como atestam os cientistas, afirmar que a Amazônia, a nossa floresta, é o pulmão do mundo. Valendo-se dessas falácias, um ou outro país, ao invés de ajudar, embarcou nas mentiras da mídia, e se portou de forma desrespeitosa e com espírito colonialista. Questionaram aquilo que nos é mais sagrado, a nossa soberania. (Jair Bolsonaro, AG – ONU, 2019)

A insistência em se referir à Amazônia como intocada – contrariando o que os jornalistas, ONGS e institutos nacionais, como o INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais) vinham demonstrando, e reforçando sempre o ataque midiático em relação as suas ações, também pode ser compreendido como uma vertente das características do populismo. Isso é, ressaltado por Eco (2006), primeiramente quando essa característica de gerar informações inconsistentes e sem base pode ser encarada como uma técnica de provocação, que se permanecerá neutra aos seus apoiadores, mas que precisará ser combatida de alguma forma pela oposição que

através de estudos credíveis tentarão mostrar que a Amazônia está sendo queimada em prol do crescimento do agronegócio, pecuária, etc.; em relação ao ataque à credibilidade do jornalismo podemos lembrar que um dos principais líderes populistas que governou o Brasil, Getúlio Vargas, criou para si um canal de rádio, *A voz do Brasil*, vigente até os dias de hoje, para que pudesse ter um meio de comunicação para propagar apenas ações boas do governo, levando a entender que estava sempre tudo bem e o progresso continuava em todas as áreas. Atacando todo e qualquer outro meio que tentasse ofender a sua imagem e agredindo de forma constante a mídia televisiva, mídias alternativas e populares. Esses são frequentes durante todo o discurso realizado na Assembleia Geral da ONU, podemos destacar as seguintes falas:

(...) Endosso apoio total e irrestrito à indígena Ysani Kalapalo, aqui presente, de parte indígena do Xingú, Mato Grosso, que a mesma possa na assembleia das Nações Unidas, em Nova York, Estados Unidos, externar toda a

realidade vivida pelos povos indígenas do Brasil, bem como trazer a tona o atual quadro de mentiras propagado pela mídia nacional e internacional, que insistem em fazer dos povos indígenas do Brasil uma reserva de mercado, sem fim. (Jair Bolsonaro, AG – ONU, 2019)

(...) Terroristas sob disfarce de perseguidos político, não mais encontraram refúgio no Brasil. Há pouco, presidentes socialistas que me antecederam desviaram centenas de bilhões de dólares comprando parte da mídia e parte do parlamento, tudo por um projeto de poder absoluto. (Jair Bolsonaro, AG – ONU, 2019)

De acordo com A Tabela 1, todas as características destacadas nesse ponto estão de acordo com os aspectos populistas ideologicamente ligados à direita, fugindo dos aspectos da esquerda e do centro quando os seus inimigos evidenciados são os partidos e pessoas ligadas à ideologia socialista. Portanto, quando o presidente ataca diretamente essa ideologia, vendo-a como a principal

inimiga do seu governo, é possível evidenciar o posicionamento fixado à ideologia direitista.

Outro aspecto constantemente ressaltado pelo presidente é o sentimento nacionalista e patriótico, baseado na relação com um povo fictício, ou seja: uma sociedade brasileira criada e que corresponde aos ideais do mesmo. Segundo Bolsonaro, o sentimento patriótico do povo vem sendo resgatado aos poucos, após um momento de flerte com a ideologia do socialismo, sendo esse enfatizado após o massacre midiático que o seu governo vem sofrendo, após a divulgação dos incêndios ocorridos na Amazônia. O presidente ressalta também que a Amazônia não é patrimônio mundial e que deve ser respeitada a soberania brasileira, se referindo à tentativa de aplicação de sanções ao Estado brasileiro dentro do G7, citando nesse momento o posicionamento do presidente Donald Trump, que não aceitou a punição ao Brasil. Finalizando essa parte da sua fala enfatiza a necessidade de respeitar a liberdade e a soberania de cada país, que, segundo ele, é o que move a ONU. A soberania é exaltada nos seguintes trechos:

Questionaram aquilo que nos é mais sagrado, a nossa soberania. Um deles, por ocasião do encontro G7 ousou sugerir a aplicar sanções ao Brasil sem sequer nos ouvir. Agradeço aqueles que não aceitaram levar adiante essa absurda proposta em especial o presidente Donald Trump, que bem sintetizou o espírito que deve reinar entre os países da ONU. Respeito à liberdade e a soberania de cada um de nós. (Jair Bolsonaro, AG – ONU, 2019)

Quero reafirmar minha posição de que qualquer iniciativa de ajuda ou apoio à preservação da Floresta Amazônica ou de outros biomas deve ser tratado em pleno respeito à soberania brasileira. (Jair Bolsonaro, AG – ONU, 2019)

Bolsonaro afirma que os outros países veem no Brasil um país ainda colonial, sem regras e sem soberania, colocando implicitamente o seu argumento de não ceder aos interesses de estrangeiros, o que pode ser avaliado de forma contraditória desde que analisemos as suas políticas de

cunho *americanista*. Engesser (2018) aponta essa reivindicação sobre a soberania popular como sendo uma característica do discurso populista. A isso, podemos acrescentar o teor nacionalista dessa reivindicação, que acaba se encaixando na análise das características populistas direitistas. Também é ressaltado um dos símbolos desse nacionalismo, que segundo Bolsonaro, é um dos responsáveis pela manutenção da ordem e luta contra a corrupção desenfreada que ocorre no Brasil, o então Ministro da Justiça e Segurança Pública, Sérgio Moro:

Há pouco, presidentes socialistas que me antecederam desviaram centenas de bilhões de dólares comprando parte da mídia e parte do parlamento, tudo por um projeto de poder absoluto. Foram julgados e punidos, graças ao patriotismo, perseverança e coragem de um juiz que é símbolo do meu país, o doutor Sérgio Moro, nosso atual Ministro da Justiça e Segurança Pública. (Jair Bolsonaro, AG – ONU, 2019)

Devemos considerar então, a partir da fala de Bolsonaro, a tentativa de

criação de uma sociedade homogênea, nacional e com sentimento patriótico, o que nos reafirma a imagem de uma sociedade meramente fictícia. Isto é: onde todos os indivíduos são colocados dentro do mesmo nível político e social, evidenciando a luta do “nós” contra os “outros”, ou seja: dos verdadeiros brasileiros que são aqueles que se encaixam nesses padrões comunicacionais colocados pelo presidente e os inimigos da nação. Frequentemente, durante o discurso de Bolsonaro, são citadas referências a Deus, valores da família e ao politicamente correto. Valores esses que já vinham sendo pregados durante toda a sua campanha, desde o uso do *slogan* “Brasil acima de tudo. Deus acima de todos”. Podemos destacar também as marchas desenvolvidas pelo presidente, chamadas “Marcha pela Família”, na tentativa de fortalecer os valores conservadores e religiosos, em contraposição às marchas desenvolvidas pela oposição chamadas “Ele Não”, que tinham como motivação aspectos políticos, de acordo com a análise semiótico-discursiva realizada por Demurus e Calderon (2019).

O presidente abre seu discurso com a seguinte frase: “Obrigado a

Deus pela minha vida pela missão de presidir o Brasil e pela oportunidade de reestabelecer a verdade o que é bom para todos nós” (Jair Bolsonaro, AG – ONU, 2019). Podemos dividir essa sentença em duas partes de análise. Primeiro, o seu agradecimento a Deus, que segue durante a sua fala, tem o objetivo de estabelecer e fortalecer sua relação com o seu público que possui uma característica supostamente conservadora. Ressaltando que muito da identificação do seu eleitorado veio a se firmar com essa religiosidade propagada, mesmo que através da sua pauta política se possa identificar uma real incompatibilidade de fala e ação, onde o mesmo defende políticas mais violentas e armamento da população, por exemplo, que acabam indo contra os princípios religiosos impostos. Segundo, o estabelecimento da verdade, que só poderá ser realizado a partir dele como personagem principal no cenário do governo brasileiro, sendo todo e qualquer outro que o antecedeu menos relacionado com a verdade e com as políticas boas para a população. Essa também é uma característica acentuada durante a sua campanha

e que vem sendo pregada após a sua eleição pelos seus simpatizantes, e que lhe atribuiu o apelido de “mito” diante dos seus. Vendo-o como única salvação real para a nação submersa na corrupção, lógica que também está explícita e implicitamente presente no seu discurso na Assembleia Geral da ONU.

A pregação do politicamente correto relacionada com “as questões de gênero” ficam implícitas na seguinte fala do presidente, quando se coloca a ideia de perversão relacionando “identidade biológica”, ideia que, segundo Bolsonaro, vem sendo propiciada através de uma ideologia, que possivelmente está vinculada à ideologia do socialismo, visto que este vem sendo sinalizado pelo presidente como o problema crucial para a situação do país. Invocando nesse momento Deus, para consolidar a sua fala e atrair credibilidade, afirma:

Durante as últimas décadas nos deixamos seduzir sem perceber por sistemas ideológicos e de pensamento que não buscavam a verdade, mas o poder absoluto. A ideologia se instalou no

terreno da cultura, da educação e da mídia. Dominando meios de comunicação, universidades e escolas. A ideologia invadiu nossos lares para investir contra a célula mater de qualquer sociedade saudável, a família. Tentam ainda destruir a inocência de nossas crianças, pervertendo até mesmo a identidade mais básica e elementar, a biológica. O politicamente correto passou a dominar o debate público para expulsar a racionalidade e substituí-la pela manipulação, pela repetição de clichês e pelas palavras de ordem. A ideologia invadiu a própria alma humana para dela expulsar Deus, e a dignidade com que Ele nos revestiu. E com esses métodos, essa ideologia sempre deixou um rastro de morte, ignorância e miséria por onde passou. (Jair Bolsonaro, AG – ONU, 2019)

Bolsonaro também finaliza a sua fala com a citação de uma passagem bíblica, relacionada à obtenção da verdade. Isso se dá como forma de passar credibilidade ao que está sendo dito, mesmo que de certa

forma tenha um teor duvidável e questionável:

Nas questões do clima, da democracia, dos direitos humanos, da igualdade de direitos e deveres entre homem e mulheres e em tantas outras tudo o que precisamos é isso, contemplar a verdade, seguindo João 8:32: conhecereis a verdade e a verdade vos libertará. (Jair Bolsonaro, AG – ONU, 2019)

Vimos durante a análise que essa ideia de ligação de valores da família junto a religiosidade é algo que está presente no discurso populista vinculado ideologicamente à direita, como é expresso por Galito (2017) no seu quadro de análise. Curiosamente podemos lembrar que essa questão também estava presente no discurso de Adolf Hitler antes de ser eleito (Evens, 2020), democraticamente, representante da Alemanha; estando presente também na campanha de Getúlio Vargas, conseguindo assim conversar com os mais diversos públicos, principalmente os de procedência cristã (Lira, 2012).

O discurso pela segurança fez parte da campanha de Bolsonaro e firmou-se diante das suas falas pós-eleição em Outubro de 2018. Basicamente, um dos pontos-chaves da sua campanha estava em relacionar a sensação de insegurança do povo, com a necessidade que este tem de se defender do “mal”, discursando a partir daí sobre políticas que facilitassem o acesso da população a armas de fogo, e incentivando atitudes violentas, com frases como “bandido bom, é bandido morto”, explicitando esse sentimento de revolta para com os seus adversários, com frases: “vamos metralhar a petralhada”, em um discurso pré-eleitoral no estado do Acre.

Após essa contextualização, durante a sua fala na Assembleia Geral da ONU, também é dada visibilidade à questão da segurança, primeiramente quando este se refere às questões ambientais: “61% de nosso território é preservado, nossa política é de tolerância zero para com a criminalidade, aí incluídos os crimes ambientais” (Jair Bolsonaro, AG – ONU, 2019). E segue, lembrando a situação de perseguidos políticos que estavam sob a proteção do Estado brasileiro, desde o governo

do ex-presidente Lula, que segundo Bolsonaro são criminosos sob disfarce de perseguidos, levando a compreensão que o seu governo assusta os seus adversários:

Em meu governo, o terrorista Cesare Battisti fugiu do Brasil, foi preso na Bolívia e extraditado para a Itália. Outros três terroristas paraguaios e um chileno que viviam no Brasil como refugiados políticos, também foram devolvidos aos seus respectivos países. Terroristas sob disfarce de perseguidos políticos não mais encontrarão refúgio no Brasil. (Jair Bolsonaro, AG – ONU, 2019)

Como continuidade desse discurso sobre a segurança, o mesmo cita que os números de homicídios ocorridos no Brasil anteriormente ao seu governo chegavam ao número de 70 mil, somando-se a números inimagináveis de crimes violentos levando a imagem de um país que se encontrava entregue à violência. Seguindo para os números de policiais militares assassinados no ano de 2017, que segundo Bolsonaro foram 400. Após essa análise, o presidente

cita que: “Medidas foram tomadas e conseguimos reduzir em mais de 20% o número de homicídios nos seis primeiros meses do meu governo. As apreensões de cocaína e outras drogas atingiram níveis recordes, hoje o Brasil está mais seguro e ainda mais hospitaleiro” (Jair Bolsonaro, AG – ONU, 2019). Bolsonaro também cita que foi alvo da violência de cunho ideológico, que o vitimou devido haver algum tipo de perseguição da esquerda contra si:

Sou prova viva disso, fui covardemente esfaqueado por um militante de esquerda e só sobrevivi por um milagre de Deus. Mais uma vez agradeço a Deus pela minha vida, a ONU pode ajudar a derrotar o ambiente materialista e ideológico que compromete alguns princípios básicos da dignidade humana. Essa organização foi criada para promover a paz entre nações soberanas e o progresso social, com liberdade, conforme o preâmbulo de sua carta. (Jair Bolsonaro, AG – ONU, 2019)

Juntando a imagem do seu inimigo criado e violento, com a imagem

de um país que se encontrava entregue à violência, sendo ele a pessoa que veio livrar o Brasil desse mal, vemos, nesse momento, mais uma vez, a referência a Deus para firmar a realidade das informações que estão sendo transmitidas.

Essa questão da segurança foi umas das pautas que levou a adesão de muitas pessoas à pauta de Bolsonaro durante a campanha eleitoral e no pós-eleitoral. A partir do episódio da facada, já citada, passou a ser visto por seus simpatizantes como uma das vítimas da suposta perseguição da oposição, o que fortaleceu ainda mais a sua imagem, a partir da perspectiva do *vitimismo*, que é sinalizada por Eco (2006) como uma estratégia elementar de um populista. Acrescentemos que esse *vitimismo* também se faz importante para reforçar ainda mais a ideia de herói da nação.

Acreditamos ser esse um dos fatores mais contraditórios dentro do discurso *bolsonarista*, pois o presidente vem resgatando a ditadura militar como sendo um do símbolo de seu governo. Esse período da ditadura foi extremamente violento: inúmeras pessoas morreram, e muitas famílias

até hoje não sabem o paradeiro de seus parentes, que ainda se encontram como desaparecidos. Desde antes da sua candidatura já havia episódios relacionados ao presidente exaltando torturados, tal como durante o processo de *impeachment* da ex-presidente Dilma, quando o mesmo exaltou, dentro do plenário da Câmara dos Deputados, o nome de Brilhante Ustra, um dos militares que participou dos processos de tortura da ex-presidente, com a seguinte frase: “(...) Pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff (...)” (Jair Bolsonaro, Plenária da Câmara dos Deputados, Brasília, 2016).

Esse posicionamento de Bolsonaro sobre a ditadura, liberação de armamento e assuntos afins não é atual e foi um dos pontos fortes da sua campanha presidencial em 2018. Percebemos esse como um dos pontos de contradição mais evidentes e que caracterizam nitidamente o posicionamento populista-direitista do atual presidente.

Um breve ponto ressaltado pelo presidente, mas que também podemos analisar dentro das caracterizações dos elementos do discurso populista, é em relação ao fim dos monopólios

Tabela 2. Características Discursivas de Jair Bolsonaro

	Jair Bolsonaro
Sociedade imaginada	X
Antissistema	X
Discurso nacionalista.	X
Ideologia conservadora	X
Mais segurança e menos corrupção	X
Apelação ao povo	X
Religiosidade	X
Contra monopólios públicos	X
Inimigos: mídia, socialismo e minorias	X
Única opção de salvação	X
Vendedor de ideias controversas	X
Heartland	X
Relação pré-capitalista	X
Líder carismático e com capacidade mobilizadora	X
Compreende a oposição como má e nociva	X
“Nós” contra os “outros”	X

Fonte: Elaboração dos autores.

O posicionamento de Bolsonaro sobre a ditadura, liberação de armamento e assuntos afins não é atual e foi um dos pontos fortes da sua campanha presidencial em 2018

públicos, ação que se instaura através das privatizações, que se traduz pela eliminação do papel do Estado em certas responsabilidades, vendendo empresas públicas. O presidente coloca essa sua posição quando diz:

Não pode haver liberdade política sem que haja também liberdade econômica, e vice versa. O livre mercado, as concessões e as privatizações já se fazem presentes hoje no Brasil. A economia está reagindo ao romper vícios e amarras de quase duas décadas de irresponsabilidade fiscal, aparelhamento do Estado e corrupção generalizada. (Jair Bolsonaro, AG – ONU, 2019)

Essa ideia que vai totalmente contra as políticas que estavam sendo realizadas pelos seus antecessores, ex-presidentes Lula e Dilma do Partido dos Trabalhadores (PT). Novamente nesse momento conseguimos sinalizar o ataque que o presidente faz, de forma contínua, às elites da esquerda, e às ideologias contrárias as suas. Colocando-se nesse momento, mais uma vez, como a única salvação

para a economia do Estado brasileiro voltar a crescer, tendo em vista principalmente as privatizações. Essa sua caracterização como “única salvação da economia”, fica clara também no seguimento do seu discurso:

Abertura à gestão competente aos ganhos de produtividade são objetivos imediatos do nosso governo. Estamos abrindo a economia e nos integrando às cadeias globais de valor. Em apenas oito meses concluímos os dois maiores acordos comerciais da história do país. Aqueles firmados entre o Mercosul e a União Europeia e entre o Mercosul e a área Europeia de Livre Comércio, o EFTA. Pretendemos seguir adiante com vários outros acordos nos próximos meses, e estamos prontos também para iniciar o nosso processo de adesão à Organização para Cooperação de Desenvolvimento Econômico, OCDE. (Jair Bolsonaro, AG-O-NU, 2019)

Dentro desse aspecto, compreendemos o posicionamento do presidente, no entanto percebemos dentro de

um aspecto geral, um discurso político-econômico vago. Muitas das suas frases são organizadas de uma forma que tente alcançar a compreensão superficial dos mais diversos públicos, o que também compreende a ação de um discurso populista.

Dessa forma, a partir do levantamento bibliográfico e da análise do objeto exposto nesta pesquisa, visou-se delimitar o perfil de Jair Bolsonaro a partir da perspectiva teórica e histórica do populismo do Brasil, da qual podemos observar na Tabela 2.

Conclusões

Diante das informações colocadas, constata-se que o atual presidente brasileiro, Jair Bolsonaro, é um político populista de direita e assenta o seu discurso numa incoerente narrativa conservadora, na qual, não raras vezes, se identificam valores da extrema-direita. Como qualquer distopia imaginada, o discurso de Jair Bolsonaro assenta nos alicerces de alguns dos mais antigos princípios da propaganda, como a recuperação de símbolos e de alegados sentimentos patrióticos; a recuperação de comportamentos e

sentimentos primários do passado, temporariamente submersos, retraídos e ocultos nas sociedades democráticas; a desumana criação de um grupo de odiosos ou bode expiatório agregador de tudo quanto é mau na sociedade; o desmantelamento da sociedade democrática numa oligarquia, na qual se promove a divisão de um povo entre os “verdadeiros” e os maus; a pragmatização das “políticas do machado”, nas quais se hipervalorizam as funções das forças de segurança pública e a proteção da propriedade privada; e, aquela que é a principal característica do *fascies*, a glorificação da imagem do líder através da representação inquestionável da salvação e do futuro do Estado.

Todas essas características político-comunicacionais atribuídas a Bolsonaro evidenciam-no como um político populista, que, de acordo com a Tabela 2 de análise, se manifesta através de uma narrativa conservadora pautada no discurso da segurança pública, ressaltando, constantemente, que os seus inimigos são pessoas ligadas ao Partido dos Trabalhadores e com ideologias socialistas e comunistas, criando um nefasto e odioso

discurso dicotômico entre os bons (“verdadeiros”) e os maus brasileiros.

Com recurso a estratégias comunicacionais que vinham sendo utilizadas desde as manifestações de 2013, o sentimento de patriotismo e os símbolos nacionais, como bandeira e hino, têm sido potenciados pelo presidente brasileiro. Narrativas visuais e sonoras associadas à sua linguagem como forma de identificar o verdadeiro brasileiro, criando, a partir daí, uma sociedade imaginada e moldada pelos seus valores que, por sua vez, elimina desse cenário todas as pessoas e grupos que não compartilham das suas ideologias, como os grupos de esquerda, movimentos sociais, socioambientais e ONGs, por exemplo.

Soma-se, ainda, os constantes ataques à mídia ou a qualquer grupo social que simplesmente questione ou fiscalize as ações do líder. Como não pode deixar de ser, vê-se como a única salvação para a solução dos problemas políticos e sociais do país, fazendo isso através de um constante apelo à ideia do povo brasileiro, bem como através da consagração da sua pretensa imagem de líder mobilizador de massas.

A figura de Jair Bolsonaro é contraditória, instável e, não raras vezes, fere a democracia e os mais elementares princípios humanistas, como se pode facilmente aferir nas suas recorrentes posições a decisões sociais, políticos, ambientais e religiosas. Por isso, e para futuros trabalhos académicos, seria interessante estudar as reais consequências da ascensão dos diferentes governos populistas que assumiram poder em diferentes conjunturas e que sempre causaram uma grande instabilidade ao regime político do país ao ponto de abalar o regime democrático.

Referências bibliográficas

- Baldi, V. (2018). A construção viral da realidade: ciberpopulismos e polarização dos públicos em rede. *Observatorio (OBS*)*, Special Issue, 004-020. <https://doi.org/10.15847/obsobs12520181420>
- Calhoun, C. (1988). Populist politics, communications media and large scale societal integration. *Sociological Theory*, 6(2), 219-241. <https://doi.org/10.2307/202117>
- De La Torre, C. (2018). *Global Populism*. London: Routledge Handbook.
- Demuru, P., & Cuevas-Calderón, E. (2019). Imágenes de la nación y nuevo populismo entre Brasil y Perú: una mirada semiótico-discursiva. *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*, 14(2179-7617), 168-179. <https://doi.org/2179-7617>
- Eco, U. (2006). *A passos de caranguejo: guerras quentes e populismos midiáticos*. Milão: Difel.
- Engesser, S., Ernst, N., Esser, F., & Büchel, F. (2016). Populism and social media: how politicians spread a fragmented ideology. *Information, Communication & Society*, 20(8), 1109-1126. <https://doi.org/10.1080/1369118x.2016.1207697>
- Estadão (2019). Assista à íntegra do discurso de Jair Bolsonaro na ONU [YouTube Video]. Consultado a 21 de setembro de 2020, em <https://www.youtube.com/watch?v=7OfU-Qd45ETw>.
- Evens, Richard. (2020). *O terceiro reich no poder*. Lisboa: edições 70.
- Galito, M. S. (2017). Populismo: conceptualização do fenómeno. *Centro de Estudos Sobre África e Desenvolvimento (CEsA)*, 158(2017). Consultado a 21 de setembro de 2020, em <https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/14156/1/wp158.pdf>.
- Ianni, O. (1975). *O colapso do populismo no Brasil*. Rio De Janeiro: Civilização Brasileira.
- Ianni, O. (1989). *A formação do estado populista na América Latina*. São Paulo (Sp): Ática.
- Judis, J. B. (2017). *A Explosão do populismo como a grande recessão transformou a política nos Estados Unidos e na Europa*. Lisboa: Editorial Presença.
- Lira, Neto. (2012). *Getúlio Vargas (1882-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Mény, Y., & Surel, Y. (2002). *Democracies and the populist challenge*. Palgrave Macmillan.
- Peri, Y. (2004). *Telepopulism : media and politics in Israel*. Stanford: Stanford University Press.
- Postill, J. (2018). Populism and social media: a global perspective. *Media, Culture & Society*, 40(5), 754-765. <https://doi.org/10.1177/0163443718772186>
- Ribeiro, V. (2016). A crise da Comunicação Política - Os media, o

- jornalismo e a assessoria de imprensa como responsáveis pelo divórcio entre cidadãos e política. In H. Prior; L. Guazina; B. Araújo (Eds.). *Diálogos Lusófonos em Comunicação e Política* (pp. 101–122). Covilhã: Livros Labcom. <https://doi.org/978-989-654-315-0>
- Soares, M. C. (2009). *Representações, jornalismo e a esfera pública democrática*. Consultado a 21 de novembro de 2020 <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/109112/ISBN9788579830181.pdf?sequence=2&isAllowed=y>.
- Souza, D. A. de. (2010). O colapso teórico do populismo. *Portal de Publicações Eletrônicas Da UERJ*. consultado a 21 de novembro de 2020, em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intellectus/article/viewFile/27669/19855>.
- Taggart, P. (2000). *Concepts in the social sciences - Populism*. Buckingham, Philadelphia: Open University Press.
- Teixeira, N. S. (2018). Três reflexões inacabadas sobre populismo e democracia. *Relações Internacionais*, 59, 75–83. <https://doi.org/10.23906/ri2018.59a06>
- Weffort, F. C. (2003). *O populismo na política brasileira*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra.
- Wieviorka, M. (1993). *A democracia à prova: Nacionalismo, populismo e etnicidade*. Paris: Editions La Découverte.



